

# **O Cooper de Cida e Perdoando Deus**

## **Apresentação**

Juntamos os contos “O Cooper de Cida” de Conceição Evaristo e “Perdoando Deus” de Clarice Lispector para falar de um tema em comum. É natural criar um mundo próprio de ideias e fantasias, mas em algum momento a realidade se apresenta. Como lidamos com a nova realidade? É um desencanto ou uma descoberta? Sempre na vida alguma coisa nos convida a sair de certa acomodação e nos contos as personagens lidam com esse processo de diferentes formas o que torna a vida muito interessante.

## **O cooper de Cida**

*Conceição Evaristo*

O sol vinha nascendo molhado na praia de Copacabana. A indecisão do tempo, a manhã vagabunda nos olhos sonolentos dos moradores de rua, o trabalho inconsequente das ondas em seu fazer e desfazer, tudo isto comprometia o cooper de Cida. A moça foi diminuindo o passo. Ela era uma desportista natural. Corria o tempo todo querendo talvez vazar o minguado tempo do viver. Era preciso buscar sempre. O que tinha ficado para trás, o agora e o que estava para vir. De manhã, depois da corrida, ia à padaria, passava pela banca de jornal e trazia entre os dedos as notícias do dia que eram mal lidas. Rapidamente, graças ao curso de leitura dinâmica que fizera há uns anos atrás, corria os olhos pelas manchetes tentando apreender os acontecimentos. Em casa, corria ao banho, ao quarto, à sala, à cozinha. Fervia o leite, arrumava a mesa, voltava ao quarto, avançava sobre o guarda-roupa e atracava-se ao uniforme de trabalho, logo depois

já estava na sala fechando a porta e indo. Voava pelas escadas, pois o elevador era lento e no constante cooper ganhava a rua. Corria sobre a corda bamba, invisível e opressora do tempo. Era preciso avançar sempre e sempre.

Ela era vencedora de outras distâncias. Já saltara montanhas e divisas de um tempo- espaço que ficara para trás. Como era mesmo a sua cidade natal? Não sabia bem. Lembrava-se, entretanto, que as pessoas eram lentas. Andavam, falavam e viviam de-va- gar-zi-nho. A vida era de uma lerteza tal, que algumas mulheres esqueciam-se de parir seus rebentos. A barriga crescia até aos onze meses. As crianças nasciam moles, desesperadamente calmas e adiavam indefinidamente o exercício de crescer. Cida desde pequena guardava um sentimento de urgência. Seu corpo aos nove anos maturou-se no sangue mensal de mulher. As suas brincadeiras prediletas, ainda nessa época, eram a de apostar corrida com as crianças e a de desafiar grandes e pequenas, no tempo gasto para execução de qualquer tarefa. Vencia sempre, utilizando um tempo diminuto em relação a todos.

Aos onze anos, Cida foi pela primeira vez ao Rio com a mãe, em viagens de negócios. A mãe reclamava da velocidade dos carros, do amontoado e da correria das pessoas, do vai e vem de todos. Cida bebeu enlouquecida o zigue-zague dos carros, das pessoas, dos pés quase voantes dos pedestres desafiando, vencendo e encontrando a morte. Descobriu no turbilhão da cidade um jogo de caleidoscópio formado por peças, gente- máquinas se cruzando, entrecortando braços, rodas, cabeças, buzinas, motos, pernas, pés e corpos aromatizados pela essência da gasolina. Cida descobriu outras pessoas também portadoras da urgência de vida que ela trazia em si. E naquele momento optou por retornar um dia para ficar ali. Tinham razão, a cidade era maravilhosa.

Aos dezessete anos, um emprego, o primeiro, arranjado por um tio, permitiu que ela viesse para a capital. A vida seguia no ritmo acelerado de seu desejo. Trabalho, trabalho, trabalho. O dia entupido de obrigações. A noite festejada por encontros de rápidos gozos. Os amores tinham de ser breves. Cursos, estudos somente aqueles que proporcionassem efeitos imediatos. Nada de sala de aula durante anos e anos e de leituras infinitas. — Aprenda inglês em seis meses. Garantimos a sua aprendizagem em cento e oitenta dias. — Nada de gastar o tempo curto e raro. É preciso correr, para chegar antes, conseguir a vaga, o lugar ao sol, pegar a fila pequena no banco, encontrar a lavanderia aberta, testemunhar a metade da missa. O padre era lento e o ritual também. Assistia a metade da

liturgia, pelo menos não ficava com o remorso inteiro. Não perder a missa aos domingos foi a única recomendação que a mãe fizera. Alguns hábitos ela havia deixado para trás, outros reforçara e havia adquirido alguns novos. Passou a beber diariamente um refrigerante, como também comprava todos os dias um jornal, que na maioria das vezes nem lia. Aumentara vertiginosamente o hábito de correr. Todas as manhãs, os pés de Cida pisavam rápido o calçadão da praia. Iam e vinham em toques rápidos e furtivos, como se tivessem envergonhados dos carinhos que o solo pudesse lhes insinuar no decorrer da marcha. A moça imprimia mais e mais velocidade a sua louca e solitária maratona. Corria contra ela própria, não perdendo e não ganhando nunca. Mas naquele dia, a semidesperta manhã inundava Cida de um sentimento pachorrento, de um desejo de querer parar, de não querer ir. Sem perceber, permitiu uma lentidão aos seus passos e pela primeira vez viu o mar. A princípio experimentou uma profunda monotonia observando os movimentos repetidos e maníacos das ondas. Como a natureza repetia séculos e séculos, por todo o sempre, os mesmos atos? O dia raiar, a noite cair, o sol, a lua... O mar magnânimo lavando repetidamente, a curtos intervalos a areia circundante. Tudo monótono, certo e previsível. Tão previsível como os principais atos dela: levantar, correr, sair, voltar. Contemplou os rostos que passavam, conhecia todos de relance. Todas as manhãs topava com aquelas faces suadas diante de si. Assustou-se. Percebeu que não estava correndo. Estava andando em câmera lenta, quase. Sentiu a planta dos pés, mesmo guardadas nos tênis, tocando o solo. Ela estava andando, parando, andando, parando, parando. Todos os seus membros estavam lassos, só o coração batia estonteado. Cida levou a mão ao peito. Sentiu o coração e os seios. Lembrou-se então que era uma mulher e não uma máquina desenfreada, louca, programada para correr e correr. Envergonhou-se dos orgasmos premeditados, cronometrados que vinha cultivando até ali. Ela não se entregava nunca e repudiava qualquer gesto de abandono que alguém pudesse ter diante dela. A corda bamba do tempo, varal no qual estava estendida a vida, era frágil, podendo se romper a qualquer hora. Era preciso, pois, um constante estado de alerta. O mar movimentou-se novamente num gesto aliciante e convidativo. Cida abandonou o calçadão e encaminhou-se para a areia. Sentiu necessidade de arrancar os tênis que lhe prendiam os pés e deixou aquelas correntes abandonadas ali mesmo. Afundou os pés na areia e contemplou mais uma vez o mar. Um nadador brincava repetidas vezes com os braços e a cabeça na água. Cida aguardou cá fora desejando ansiosa que ele

saísse. Ela queria saber do tempo dele, barganhar momentos, pedir um tempo emprestado talvez. Como uma pessoa, em plena terça-feira, às seis e cinquenta e cinco da manhã, podia estar tão tranquilamente brincando no mar? Deveria ser extremamente rico. Viver de juro. Lembrou-se dos mendigos que constantemente cruzavam o seu caminho. Eram extremamente pobres. Ou o tempo não se media com moeda, ou as horas, os dias, os anos não seriam medidas justas do tempo. Ela estava com vinte e nove anos. Pouco? Muito? Medir, comparar, aquilatar os anos em relação a que? Haveria um tempo outro amortecido no coração do tempo? O nadador continuava com a sua brincadeira. Cida desejou se lançar no mar à procura de algo que ela não encontrava cá fora. Dizem que o fundo do mar abriga riquezas e mistérios. Ela lembrou-se que já passava da hora de voltar para casa. Era preciso continuar suas ações rotineiras, incorporar-se novamente ao cotidiano. Às sete e quarenta e cinco, Pedro acionaria a buzina do carro em frente ao prédio dela. Já pronta, desceria rapidamente a escada, e antes, bem antes das oito e trinta, se o trânsito estivesse bom, eles aportariam no escritório da Rio Branco. Era preciso ir, correr mais ainda. Havia maculado o tempo com o olhar e a espera pecaminosa diante do mar. O banhista tranquilo insistia em seu jogo. Cida veio voltando, entretanto lentamente. Outros corredores cá no calçadão iam e vinham. O mar insistia em se mostrar diante dela. Só então, naquele dia, ela percebera o mar. E como tudo era desmesuradamente belo. Atravessou calmamente a rua, não correu. Alguns mendigos saíam dos bares com copos plásticos cheios de café. Tomavam o líquido e tinham a expressão entorpecida de sono, fome, descompromisso e abandono. Qual seria a medida de tempo para eles? Em meio a esses pensamentos, Cida chegou à porta de seu prédio. Pedro fora do carro preparava-se para entrar e ao deparar-se com ela, bradou assustado olhando para a moça da cabeça aos pés: O que acontecera? Por que ela estava chegando do cooper naquele instante? Fora assaltada? Levaram-lhe os tênis? Era preciso subir rápido, voar, ela estava atrasadíssima.

Cida escutava tudo calada. Pedro gesticulava e falava rápido como se estivesse irradiando uma partida de futebol. Lembrou-se de que quando era criança, uma de suas diversões era colar o radinho no ouvido e ficar ouvindo a narração do futebol. Tinha a impressão de que a fala do locutor era mais rápida do que a bola nos pés dos jogadores. Parecia que era a palavra do homem que empurrava o jogo. Pedro bradava, bradava. O tempo estava passando e ela continuava ali apalermada. O que estava acontecendo? Só então Cida percebeu o

motivo de aflição do amigo. Ela estava chegando atrasada do cooper. Tinha comprometido, extrapolado o tempo. O que havia acontecido? Não, não tinha acontecido nada. Não tinha sido assaltada. Apenas demorara mais, muito mais do que o costume. Se distraíra, esquecera das horas. Ele poderia ir, já estava bastante atrasado. Hoje ela não iria trabalhar, queria parar um pouco, não fazer nada de nada talvez. E só então falou significativamente uma expressão que tantas vezes usara e escutara. Mas falou tão baixinho, como se fosse um momento único de uma misteriosa e profunda prece. Ela ia dar um tempo para ela.

## **Perdoando Deus**

*Clarice Lispector*

Eu ia andando pela Avenida Copacabana e olhava distraída edifícios, nesga de mar, pessoas, sem pensar em nada. Ainda não percebera que na verdade não estava distraída, estava era de uma atenção sem esforço, estava sendo uma coisa muito rara: livre. Via tudo, e à toa. Pouco a pouco é que fui percebendo que estava percebendo as coisas. Minha liberdade então se intensificou um pouco mais, sem deixar de ser liberdade.

Tive então um sentimento de que nunca ouvi falar. Por puro carinho, eu me senti a mãe de Deus, que era a Terra, o mundo. Por puro carinho mesmo, sem nenhuma prepotência ou glória, sem o menor senso de superioridade ou igualdade, eu era por carinho a mãe do que existe. Soube também que se tudo isso "fosse mesmo" o que eu sentia - e não possivelmente um equívoco de sentimento - que Deus sem nenhum orgulho e nenhuma pequenez se deixaria acarinhar, e sem nenhum compromisso comigo. Ser-Lhe-ia aceitável a intimidade com que eu fazia carinho. O sentimento era novo para mim, mas muito certo, e não ocorrera antes apenas porque não tinha podido ser. Sei que se ama ao que é Deus. Com amor grave, amor solene, respeito, medo e reverência. Mas nunca tinham me falado de carinho maternal por Ele. E assim como meu carinho por um filho não o reduz, até o alarga, assim ser mãe do mundo era o meu amor apenas livre.

E foi quando quase pisei num enorme rato morto. Em menos de um segundo estava eu eriçada pelo terror de viver, em menos de um segundo estilhava-me toda em pânico, e controlava como podia o meu mais profundo grito. Quase correndo de medo, cega entre as pessoas, terminei no outro quarteirão encostada a um poste, cerrando violentamente os olhos, que não queriam mais ver. Mas a imagem colava-se às pálpebras: um grande rato ruivo, de cauda enorme, com os pés esmagados, e morto, quieto, ruivo. O meu medo desmesurado de ratos.

Toda trêmula, consegui continuar a viver. Toda perplexa continuei a andar, com a boca infantilizada pela surpresa. Tentei cortar a conexão entre os dois fatos: o que eu sentira minutos antes e o rato. Mas era inútil. Pelo menos a contigüidade ligava-os. Os dois fatos tinham illogicamente um nexos. Espantava-me que um rato tivesse sido o meu contraponto. E a revolta de súbito me tomou: então não podia eu me entregar desprevenida ao amor? De que estava Deus querendo me lembrar?

Não sou pessoa que precise ser lembrada de que dentro de tudo há o sangue. Não só não esqueço o sangue de dentro como eu o admiro e o quero, sou demais o sangue para esquecer o sangue, e para mim a palavra espiritual não tem sentido, e nem a palavra terrena tem sentido. Não era preciso ter jogado na minha cara tão nua um rato. Não naquele instante. Bem poderia ter sido levado em conta o pavor que desde pequena me alucina e persegue, os ratos já riram de mim, no passado do mundo os ratos já me devoraram com pressa e raiva. Então era assim?, eu andando pelo mundo sem pedir nada, sem precisar de nada, amando de puro amor inocente, e Deus a me mostrar o seu rato? A grosseria de Deus me feria e insultava-me. Deus era bruto. Andando com o coração fechado, minha decepção era tão inconsolável como só em criança fui decepcionada. Continuei andando, procurava esquecer. Mas só me ocorria a vingança. Mas que vingança poderia eu contra um Deus Todo-Poderoso, contra um Deus que até com um rato esmagado poderia me esmagar? Minha vulnerabilidade de criatura só. Na minha vontade de vingança nem ao menos eu podia encará-Lo, pois eu não sabia onde é que Ele mais estava, qual seria a coisa onde Ele mais estava e que eu, olhando com raiva essa coisa, eu O visse? no rato? naquela janela? nas pedras do chão? Em mim é que Ele não estava mais. Em mim é que eu não O via mais.

Então a vingança dos fracos me ocorreu: ah, é assim? pois então não guardarei segredo, e vou contar. Sei que é ignóbil ter entrado na intimidade de Alguém, e depois contar os segredos, mas vou contar - não conte, só por carinho não conte, guarde para você mesma as vergonhas Dele - mas vou contar, sim, vou espalhar isso que me aconteceu, dessa vez não vai ficar por isso mesmo, vou contar o que Ele fez, vou estragar a Sua reputação.

... Mas quem sabe, foi porque o mundo também é rato, e eu tinha pensado que já estava pronta para o rato também. Porque eu me imaginava mais forte. Porque eu fazia do amor um cálculo matemático errado: pensava que, somando as compreensões, eu amava. Não sabia que, somando as incompreensões, é que se ama verdadeiramente. Porque eu, só por ter tido carinho, pensei que amar é fácil. É porque eu não quis o amor solene, sem compreender que a solenidade ritualiza a incompreensão e a transforma em oferenda. E é também porque sempre fui de brigar muito, meu modo é brigando. É porque sempre tento chegar pelo meu modo. É porque ainda não sei ceder. É porque no fundo eu quero amar o que eu amaria - e não o que é. É porque ainda não sou eu mesma, e então o castigo é amar um mundo que não é ele. É também porque eu me ofendo à toa. É porque talvez eu

precise que me digam com brutalidade, pois sou muito teimosa. É porque sou muito possessiva e então me foi perguntado com alguma ironia se eu também queria o rato para mim. É porque só poderei ser mãe das coisas quando puder pegar um rato na mão. Sei que nunca poderei pegar num rato sem morrer de minha pior morte. Então, pois, que eu use o magnificat que entoia às cegas sobre o que não se sabe nem vê. E que eu use o formalismo que me afasta. Porque o formalismo não tem ferido a minha simplicidade, e sim o meu orgulho, pois é pelo orgulho de ter nascido que me sinto tão íntima do mundo, mas este mundo que eu ainda extraí de mim de um grito mudo. Porque o rato existe tanto quanto eu, e talvez nem eu nem o rato sejamos para ser vistos por nós mesmos, a distância nos iguala. Talvez eu tenha que aceitar antes de mais nada esta minha natureza que quer a morte de um rato. Talvez eu me ache delicada demais apenas porque não cometi os meus crimes. Só porque contive os meus crimes, eu me acho de amor inocente. Talvez eu não possa olhar o rato enquanto não olhar sem lividez esta minha alma que é apenas contida. Talvez eu tenha que chamar de "mundo" esse meu modo de ser um pouco de tudo. Como posso amar a grandeza do mundo se não posso amar o tamanho de minha natureza? Enquanto eu imaginar que "Deus" é bom só porque eu sou ruim, não estarei amando a nada: será apenas o meu modo de me acusar. Eu, que sem nem ao menos ter me percorrido toda, já escolhi amar o meu contrário, e ao meu contrário quero chamar de Deus. Eu, que jamais me habituarei a mim, estava querendo que o mundo não me escandalizasse. Porque eu, que de mim só consegui foi me submeter a mim mesma, pois sou tão mais inexorável do que eu, eu estava querendo me compensar de mim mesma com uma terra menos violenta que eu. Porque enquanto eu amar a um Deus só porque não me quero, serei um dado marcado, e o jogo de minha vida maior não se fará. Enquanto eu inventar Deus, Ele não existe.



## **Reflexões sobre o conto “Perdoando Deus”, de Clarice Lispector**

A personagem alcança a verdadeira liberdade no momento em que integra o ideal ao real e, com fé, se entrega ao "magnificat que entoa às cegas sobre o que não se sabe nem se vê."

A personagem estava caminhando pela rua, sentindo-se livre, muito poderosa - a mãe criadora, em harmonia com as coisas e com Deus:

“Estava sendo uma coisa muito rara: livre. (...) Minha liberdade então se intensificou um pouco mais, sem deixar de ser liberdade. Tive então um sentimento de que nunca ouvi falar. Por puro carinho, eu me senti a mãe de Deus, que era a Terra, o mundo. Por puro carinho mesmo, sem nenhuma prepotência ou glória, sem o menor senso de superioridade ou igualdade, eu era por carinho a mãe do que existe. O sentimento era novo para mim, mas muito certo, e não ocorrera antes apenas porque não tinha podido ser. Sei que se ama ao que é Deus. Com amor grave, amor solene, respeito, medo e reverência. Mas nunca tinham me falado de carinho maternal por Ele.

E assim como meu carinho por um filho não o reduz, até o alarga, assim ser mãe do mundo era o meu amor apenas livre.”

Esse momento de graça vivido pela narradora é subitamente interrompido quando pisa em um rato morto e é confrontada com a realidade:

“Toda trêmula, consegui voltar a viver. Toda perplexa continuei a andar, com a boca infantilizada pela surpresa. Tentei cortar a conexão entre os dois fatos: o que eu sentira minutos antes e o rato. Mas era inútil. Pelo menos a contigüidade ligava-os. Os dois fatos tinham illogicamente um nexos. Espantava-me que um rato tivesse sido o meu contraponto. E a revolta de súbito me tomou: então não podia eu me entregar desprevenida ao amor? De que estava Deus querendo me lembrar?”

Nesse momento, ela sentiu como se estivesse morrendo: o ideal de um Deus perfeito que havia criado revelou-se muito frágil. Ela sentia que era livre, quando na verdade estava presa ao ideal que havia criado. Diante da frustração, a primeira reação da narradora é sentir raiva, e logo essa raiva se transforma em vingança: “Então a vingança dos fracos me ocorreu.” Quer “arruinar a reputação” de Deus. Após ter vivenciado os sentimentos de frustração, a raiva e a vingança, reconhece em si mesma a vontade de “matar o rato”.

“Como posso amar a grandeza do mundo se não posso amar o tamanho de minha natureza? (...) Porque eu me imaginava mais forte. Porque eu fazia do amor

um cálculo matemático errado: pensava que, somando as compreensões, eu amava. Não sabia que, somando as incompreensões, é que se ama verdadeiramente. Porque eu, só por ter tido carinho, pensei que amar é fácil.

É porque no fundo eu quero amar o que eu amaria – e não o que é. É porque ainda não sou eu mesma, e então o castigo é amar um mundo que não é ele.”

O rato representa algo da natureza instintiva que ela não admitia em si mesma e, nesse momento, compreende que sem aceitar esse lado, estaria sempre desassociada da vida. “Só poderei ser mãe das coisas quando puder pegar um rato na mão.” Com essa reflexão, a personagem integra o ideal distante à realidade viva, pulsante, e passa da frustração para a compreensão – aquela experiência que em um primeiro momento foi sentida como “morte” foi justamente o que possibilitou sua integração com a vida real.

A personagem havia idealizado um Deus para fugir de si mesma e de um lado seu que não sabia como lidar, negando seus próprios impulsos: “Talvez eu tenha que aceitar antes de mais nada esta minha natureza que quer a morte de um rato. (...) Talvez eu me ache delicada demais apenas porque não cometi os meus crimes. Só porque contive os meus crimes, eu me acho de amor inocente.” Admite que queria fazer as coisas do seu jeito e não sabia ceder: “E é porque sempre fui de brigar muito, meu modo é brigando. É porque sempre tento chegar pelo meu modo.” Sentia-se muito protegida e amada, e precisou de um choque intenso para entrar na realidade: “Porque eu, só por ter tido carinho, pensei que amar é fácil”.

Aos poucos, a narradora reconhece que Deus tem uma existência própria:

“Enquanto eu imaginar que “Deus” é bom só porque eu sou ruim, não estarei amando a nada: será apenas o meu modo de me acusar. Eu, que jamais me habituarei a mim, estava querendo que o mundo não me escandalizasse. (...) eu estava querendo me compensar de mim mesma com uma terra menos violenta que eu. Porque enquanto eu amar a um Deus só porque não me quero, serei um dado marcado, e o jogo de minha vida maior não se fará. Enquanto eu inventar Deus, Ele não existe.”

O “dado marcado” simboliza uma jogada em que já sabemos o resultado, e a personagem percebe que da forma como vivia, o jogo da vida não acontecia. Compreende, agora, que havia inventado Deus para fugir de si mesma, e que Ele existe e tem vida própria. Deus representa os mistérios do mundo do qual todos nós fazemos parte. A personagem alcança a verdadeira liberdade no momento em

que integra o ideal ao real e, com fé, se entrega aos mistérios do mundo e usa o magnificat “que entoa às cegas sobre o que não se sabe nem se vê.”

Nesta pequena história a personagem atravessa, com intensidade, diferentes estágios de evolução humana: onipotência, idealização, desilusão, raiva, vingança, sentimento de morte, compreensão, e renascimento. Finalmente, se reconcilia consigo mesma e se entrega confiante aos mistérios do mundo, equilibrando o “eu quero” ao “querer do Outro”.

## O Magnificat ou da Desconhecida Grandeza

*Catalina Pages*

O conto de Clarice Lispector, *Perdoando Deus*, refere-se a um estágio de plenitude, mas que na realidade seria onipotência. Ela tem que cuidar de tudo, inclusive de deus, ela é a mãe de deus, a mãe de tudo que foi criado. Que tristeza a vida desta pessoa que não pode ser cuidada, que tem que fazer tudo sozinha!

Pode ter sido uma menina muito mimada, que não conseguiu sair do lugar de princesinha ou de uma pessoa que nunca se sentiu cuidada, e, desde pequena se sentiu impelida a cuidar dos outros.

Em ambos os casos, não foram apresentadas a ela, aquelas histórias, aquelas músicas, que nos inebriam e que as crianças ouvem maravilhadas, mesmo sem entender o seu significado. Estas histórias criam espaços dentro de nós, o que nos ajuda a descobrir que o mundo é grande, e que nele existem muitos mistérios a serem descobertos.

O seu desespero ao encontrar o “Rato”, revela que ela não sabe administrar os sentimentos contraditórios que existem dentro dela, e sente vergonha em admitir o que lhe parece imperfeito. Nesse conto, Clarice Lispector escreve: “Porque enquanto eu amar a um Deus só porque não me quero, serei um dado marcado, e o jogo da minha vida maior não se fará. Enquanto eu inventar Deus, ele não existe.” E no final da história conclui que a essência da vida só acontece quando nos entregamos ao “magnificat”, “que entoa às cegas o que não se sabe e o que não se vê”. Mas o que seria esse “magnificat”? Seria uma lenda ou uma história que foi criada pelos homens e que ecoa em suas almas por milênios.

Ao contar e ouvir essa lenda nos sintonizamos com algo maior que nós mesmos, entramos em contato com o divino que existe dentro de nós ainda desconhecido, um conhecimento que ainda não sabíamos da sua existência. Mas essa descoberta só acontece quando ouvimos, e sentimos profundamente a beleza da música, ou quando ouvimos as palavras que saem da boca de Sócrates. Como diz Alcebiades, Sócrates é parecido com o flautista Marcias, que tocando a flauta consegue levar os ratos para a morte e tirar a peste da cidade. O mesmo acontece quando suspiramos ouvindo a música de Mozart, nosso coração palpita e sem saber se entrega a esse “Amor” que pode ser compartilhado, dentro dessa eternidade agora sensível.

O encontro com essa grandeza interior só acontece se tivermos a paciência e a disposição para apreciar as belezas que nos cercam em seus mínimos detalhes e saber que mais belo ainda é o desconhecido que nos habita e se revela no encontro humano.

Há histórias que atravessaram os tempos carregadas de um saber que encanta as crianças por meio de estímulos sensoriais e intuitivos. Nas palavras de Thomas Mann, em *Doutor Fausto*:

“Interrompo o meu relato tão-somente para chamar a atenção do leitor ao fato de que o palestrante nesse momento tratava de coisas, assuntos e relações artísticas que ainda não haviam surgido no nosso horizonte e mal se tornavam visíveis à beira do mesmo, quais sombras, em virtude da fala sempre periclitante de Kretzschmar. Não tínhamos capacidade para conferir o acerto de suas palavras, a não ser através dos seus próprios comentários, que acompanhavam as performances pianísticas. Escutávamos tudo isso com a vagamente excitada imaginação de crianças que ouvem contos de fadas, sem entendê-los, mas cujos tenros espíritos apesar disso se sentem enriquecidos e estimulados de um modo singular, sonhador, intuitivo, pelo que se lhes oferece. Fugas, contraponto, Eroica, “confusão causada por modulações excessivamente coloridas” – no fundo tudo aquilo parecia-nos um sussurro de fábulas, mas gostávamos tanto de ouvi-lo, com os olhos arregalados, assim como crianças espiam coisas incompreensíveis, virtualmente impróprios para elas. Isso nos diverte então muito mais do que assuntos mais corriqueiros, mais adequados, mais correspondentes a nosso nível. Crer-me-ão, se digo que essa é a maneira mais intensa, mais soberba, quiçá mais propícia de aprendermos algo – a aprendizagem antecipatória, a que passa por cima das vastas áreas de ignorância? Na minha função de pedagogo, eu não deveria recomendá-la, porém sei, afinal de contas, que a juventude a prefere irrestritamente e tenho para mim que o espaço saltado com o tempo se preencherá por si mesmo”.

“Mas quem poderia negar que é instrutivo ouvir falar da desconhecida grandeza?”.

Retirado das páginas 79 e 80 de *Doutor Fausto*, de Thomas Mann

***Carta da Sabrina Estevão Ferreira Da Silva (E.E. Maria Aparecida de Castro Masiero) sobre a obra “Alma despejada” de Andrea Bassit***

Eu sou corrupta, infelizmente eu sou, talvez não no exato sentido que Tereza, personagem da peça Alma Despejada, não lembro exatamente todos os erros que a fez ser corrupta mas, no meu caso, digo corrupção no sentido de me corromper pelos outros, desgastando-me mentalmente e fisicamente e, esses outros não valerem nenhuma pena. Mesmo assim, eu cometi o mesmo erro que Tereza e percebi que esse também é um dos meus maiores erros, porém, percebi também, esse erro (e uns outros) a tempo, a tempo de viver, a tempo de aproveitar, a tempo de me descobrir, a tempo de ser eu mesma...

Essa história é bem marcante e impactante pois ela sabe bem mesclar os estilos, trazendo até mesmo partes cômicas. Na história, a própria Tereza fala isso, sua amiga a ensinou a levar a vida com picos de comédia para viver com equilíbrio. Fazendo-me, também, refletir que todos somos os protagonistas na nossa própria história, e os demais são coadjuvantes ou até mesmo figurantes, assim, eu entrei em um conflito de ideias.

Sinto-me como uma mistura de água com qualquer tipo de sabão, detergente..., na verdade, todos nós (na sua visão, ou seja, sendo o protagonista), pense comigo, olhando na minha visão para eu te explicar melhor, eu sou essa mistura dentro de um potinho próprio para fazer bolhas de sabão, e cada bolha que dele sai, é formada uma bolha social que a própria sociedade (coadjuvantes) impõe, então, eu infelizmente vivo em várias bolhas, não porque eu criei, apenas, por ser a água e o sabão que faz ela existir, mas não foi eu que soprei, a sociedade soprou e criaram-me nelas já.

Eu e muitas pessoas apenas mantemos essa bolha no ar, pois temos medo de furá-la, com medo de perder algo ou alguém, na verdade, a maioria das pessoas já nascem nas bolhas, mas também, muitas pessoas entram em bolhas, não tem muito como medir isso, mas sei, que eu vivo em bolhas sim! É muito difícil de estourarmos, você vê poucas pessoas falando disso, e as que falam, geralmente são pessoas que estão no processo ou já saíram delas, mas essas pessoas dizem que é libertador, você ganha ar, fazendo com que você pare de ser sufocado, também, faz com que nossa visão seja mais ampla da realidade, fazendo nós enxergarmos fora da visão do protagonista, e após a bolha ser estourada, viramos todos ar,

mostrando que somos iguais e nos conectamos, assim como mostra Tereza quando fala na história, quando ela está na sua pós morte.

Eu já estourei várias das bolhas que eu estava, mas eu sei, é extremamente estranho ter ar de novo, as coisas vão acontecendo e eu só sigo o barco, nem chego a me questionar, apenas vou refletindo, após estourar as bolhas fica tudo novo, as vezes parece aquela questão de "você atrai o que você sonha" ou "você atrai coisas boas e ruins, mas isso depende das suas atitudes e pensamentos", e simplesmente essas coisas foram acontecendo nas bolhas, e por mais que pessoas apareçam nelas, poucas permanecem, por minha causa ou por decisão própria delas. E aí você vai sufocar ou vai querer respirar?